ARTE, CORPO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COM BEBÊS E CRIANÇAS PEQUENAS

Lara Garcia AMBROSIO, Universidade Federal de São Carlos
Letícia Formigoni NEVES, Universidade Federal de São Carlos
Danitza Dianderas da SILVA, Universidade Federal de São Carlos
Gabriella Pizzolante da SILVA, Universidade Federal de São Carlos

Eixo temático: Eixo 03 - Educação para as relações étnico-raciais

E-mail: laraambrosio@estudante.ufscar.br

RESUMO

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) integra a Política Nacional de Formação de Professores, visando contribuir para a formação docente e a melhoria da educação básica pública. Este trabalho consiste em um relato de experiência, de abordagem qualitativa, decorrente de duas vivências no campo artístico, desenvolvidas na educação infantil, no contexto da Educação para as Relações Étnico Raciais (ERER), com duas turmas de um Colégio de Aplicação, vinculado a uma universidade Federal no interior de São Paulo. As propostas buscaram promover experiências sensoriais e culturais relacionadas às culturas afro-brasileiras e indígenas. Os registros foram realizados por meio de observação participativa que possibilitaram a análise e formas de expressão de bebês e crianças bem pequenas. O relato tem como objetivo incentivar práticas que tensionem formas estereotipadas de visibilidade, produzindo outras relações com imagem, corpo e conhecimento no cotidiano da educação infantil. As vivências desenvolvidas apontam possibilidades de valorização da diversidade e da construção de identidades e modos de subjetivação positivos desde a primeira infância.

PALAVRAS-CHAVE: PIBID. ERER. EDUCAÇÃO INFANTIL.

1. Introdução

A educação infantil constitui um espaço fundamental para a construção de experiências, modos de subjetivação, identidades e formas de compreender o mundo. Nesse contexto, as práticas pedagógicas voltadas à Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) assumem papel central na promoção de uma educação comprometida com a valorização da diversidade e com o enfrentamento de desigualdades historicamente produzidas. No entanto, ainda é possível identificar abordagens que reforçam formas estereotipadas de visibilidade, especialmente por meio de imagens, materiais e propostas que pouco problematizam as relações entre corpo, cultura e conhecimento.

Considerando esse cenário, torna-se necessário pensar práticas pedagógicas que tensionem tais perspectivas, abrindo espaço para outras formas de ver, sentir e conhecer no cotidiano da educação infantil. É nesse movimento que se insere o presente relato, desenvolvido com turmas de Berçário (4 meses a 1 ano) e Grupo 2 (2 a 3 anos), em um contexto que reconhece as crianças como sujeitos ativos na produção de experiências e sentidos.

A partir da inserção no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), o relato busca articular a formação docente às práticas pedagógicas, tomando a ERER como eixo orientador das propostas. Nesse contexto, as vivências desenvolvidas se apoiam no campo das artes, especialmente em experiências sensoriais, corporais e estéticas, compreendendo que, na educação infantil, o aprender está profundamente ligado ao corpo, à experimentação e às diferentes linguagens.

Assim, ao propor experiências artísticas com bebês e crianças bem pequenas, buscamos refletir sobre como as relações étnico-raciais atravessam o cotidiano educativo, especialmente nas formas de ver, representar e vivenciar os corpos, as culturas, os modos de subjetivação e as identidades. Mais do que trabalhar conteúdos específicos, trata-se de construir experiências que possibilitem o contato com diferentes referências culturais, contribuindo para a valorização da diversidade desde a primeira infância e para a produção de outras formas de relação com a imagem, o corpo e o conhecimento.

2. **Fundamentação Teórica**

A ERER, no contexto da educação brasileira, está sustentada por marcos legais que orientam e, ao mesmo tempo, exigem a construção de práticas pedagógicas comprometidas com a equidade e a valorização da diversidade. As Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008 representam avanços importantes nesse sentido, ao instituírem a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena na

educação básica (BRASIL, 2003; BRASIL, 2008). Essas leis apontam para a necessidade de repensar o que e como ensinamos, abrindo espaço para outras formas de conhecer, especialmente aquelas que envolvem o corpo, a sensorialidade e as linguagens artísticas.

Quando olhamos para o currículo a partir dessa perspectiva, fica evidente que ele não é neutro. Pelo contrário, ele carrega escolhas, prioridades e silenciamentos. Pensar a ERER no currículo implica justamente tensionar essas escolhas, ampliando as referências culturais e reconhecendo a importância de experiências que vão além do conteúdo escrito ou falado. Nesse sentido, incluir práticas que envolvam materiais, texturas, cores e diferentes formas de expressão artística pode favorecer experiências mais significativas para as crianças, sobretudo na educação infantil, onde o aprender está profundamente ligado ao sentir e ao experimentar (AÇÃO EDUCATIVA, 2013).

As discussões decoloniais ajudam a aprofundar esse olhar. Elas nos mostram que muitas das formas de conhecimento valorizadas na escola estão ligadas a uma lógica que separa corpo e mente, razão e sensibilidade. Dentro dessa lógica, outras formas de saber acabam sendo desvalorizadas. Por isso, pensar a infância como uma construção histórica, social e política nos permite questionar essas divisões e reconhecer que as crianças aprendem com o corpo inteiro, nas relações, nas experiências e nas vivências do cotidiano (SOUSA; BARBOSA, 2021).

Na educação infantil, o corpo não pode ser considerado apenas um meio para a aprendizagem, mas um lugar onde o conhecimento acontece. Quando as práticas pedagógicas consideram o movimento, o toque, as cores, os sons e as diferentes sensações, elas ampliam as possibilidades de aprendizagem e de expressão. Isso se aproxima de muitas formas de conhecimento presentes nas culturas afro-brasileiras e indígenas, nas quais o saber não está separado da experiência, mas acontece de forma integrada, envolvendo corpo, coletividade e cultura (SOUSA; BARBOSA, 2021).

Retomando as dimensões da ERER, especialmente aquelas relacionadas aos recursos e às práticas pedagógicas, é importante reconhecer que tudo o que está presente no cotidiano da educação infantil comunica algo às crianças. Os materiais, as imagens, os brinquedos e as propostas não são neutros: eles constroem sentidos sobre quem pode aparecer, de que forma e com quais valores. Por isso, quando pensamos em propostas que envolvem diferentes materiais, texturas e referências culturais, estamos também abrindo espaço para que outras narrativas, modos de subjetivação e identidades sejam reconhecidas e valorizadas (AÇÃO EDUCATIVA, 2013).

Nesse cenário, as artes aparecem como um caminho potente. Na educação infantil, consideramos que é uma linguagem que permite às crianças explorar, experimentar e se expressar. As vivências artísticas, especialmente aquelas que

envolvem o corpo e a sensorialidade, possibilitam que as crianças construam sentidos a partir da experiência - seja ao tocar uma tinta, observar uma imagem, explorar um material ou se movimentar de diferentes formas (GONÇALVES et al., 2023).

Quando articuladas à ERER, essas experiências ganham ainda mais força, pois permitem trabalhar a diversidade de maneira sensível, sem reduzir as culturas a representações estereotipadas. Em vez disso, abrem espaço para que as crianças vivenciem, sintam e se relacionem com diferentes formas de expressão e existência.

Assim, pensar a educação infantil a partir da ERER, do corpo e das artes é também pensar em práticas que façam sentido para as crianças. Práticas que considerem suas formas de aprender, que valorizem suas experiências e que criem possibilidades reais de encontro com a diversidade. Nesse movimento, as vivências artísticas aparecem como espaços de experimentação capazes de tensionar padrões, ampliar repertórios e contribuir para a construção de subjetividades e identidades mais positivas e diversas desde a infância.

3. Procedimentos Metodológicos

O presente relato tem a abordagem qualitativa, com enfoque na articulação entre duas vivências no âmbito artístico para a ERER, buscando promover experiências sensoriais, corporais e estéticas, com a finalidade de valorizar a diversidade cultural.

As vivências foram planejadas e realizadas a partir do mesmo eixo pedagógico centrado nas artes. Sendo assim, no Berçário o enfoque foi na experiência sensorial a partir da exploração de alimentos; no Grupo 2 desenvolveu-se uma proposta de experimentação das obras da artista Yacunã Tuxá, culminando com a produção de uma colagem coletiva.

As vivências foram realizadas a partir das interações que possibilitaram a análise posterior das interações e construções coletivas do Berçário e Grupo 2.

4. Desenvolvimento

As vivências abordadas neste relato foram construídas no contexto da educação infantil, considerando diferentes faixas etárias e suas especificidades, especialmente no Berçário e no Grupo 2. Partindo da proposta de articular a ERER com o campo das artes, buscou-se desenvolver experiências que valorizassem o corpo, a sensorialidade e a expressão como formas de produção de conhecimento. Nesse sentido, as práticas foram organizadas de modo a dialogar com o cotidiano das crianças, suas formas de interação e seus modos próprios de explorar o mundo.

4.1 Berçário: Vivência Raízes da ancestralidade na arte

O primeiro grupo de inserção foi o Berçário, composto por oito bebês, com idades entre 4 meses a 1 ano, a conexão entre a equipe é um ponto essencial para manter o equilíbrio no ambiente, contribuindo para a qualidade do atendimento e o bem-estar de bebês. A turma é organizada de forma a atender as necessidades físicas, emocionais e sociais de bebês, promovendo um ambiente acolhedor e seguro, centralizando nossa atenção no processo de integração de bebês com o espaço da instituição escolar, que está sempre pensando na importância de reconhecer que os bebês possuem conhecimento sobre a vida e utilizam todos os sentidos para se comunicar e expressar suas necessidades.

Além disso, ao se relacionarem com os objetos e com o próprio ambiente, bebês atribuem novos significados às experiências vividas, transformando o espaço em lugar de descobertas e aprendizagens. Dessa forma, cabe a educadora planejar ambientes seguros, estimulantes e acessíveis, que favoreçam a autonomia, a exploração sensorial e as interações, reconhecendo que cada vivência cotidiana no Berçário contribui diretamente para o desenvolvimento integral da criança, uma reflexão evidenciada a partir dos pensamentos de Fragelli, Sousa, Santos (2021).

Em contextos educativos privilegiados, com diversos projetos em andamento como é o caso do Berçário do período da tarde desta instituição permitindo experimentações pedagógicas flexíveis e diversas, a pibidiana deveria incorporar a perspectiva étnico-racial em sua prática sendo assim a vivência denominada “Raízes da ancestralidade na arte” se concretizou. A proposta também buscou deslocar formas hegemônicas de compreender o conhecimento na educação infantil, frequentemente centradas na racionalidade abstrata e na separação entre corpo e aprendizagem. Ao explorar alimentos, texturas, cores e pigmentações naturais por meio do toque, do cheiro, do movimento e da oralidade, a vivência aproximou-se de perspectivas presentes em muitas culturas afro-brasileiras e indígenas, nas quais o conhecimento se produz de maneira relacional, corporal e sensível. Nesse sentido, a experiência procurou valorizar modos de aprender que articulam corpo, natureza, coletividade e cultura, em diálogo com os princípios da Educação para as Relações Étnico-Raciais.

Cada bebê participou conforme suas possibilidades, respeitando seu próprio tempo e suas formas singulares de exploração, o que evidencia a importância de práticas pedagógicas que considerem o desenvolvimento individual e a escuta sensível de cada educadora presente no momento.

> A escuta produz sentidos, ela deve ser interpretada. A escuta não traz respostas, mas constrói questões. Ela traz reciprocidade pois quem escuta é escutado. Escutando você se permite conhecer o desconhecido e valorizá-lo. A escuta demanda um tempo cheio de silêncios e longas pausas. Escutar nos encoraja a ter curiosidade por bebês e crianças, para compreender seus desejos, dúvidas, interesses e emoções, bem como, estar disponível para elas (PALADINI; SILVA, 2021, p,76)

O principal instrumento utilizado na vivência foi uma tela para pintura , na qual as crianças exploraram a pigmentação natural de forma criativa. O desafio consistia em colorir todo o seu fundo utilizando apenas os alimentos oferecidos — couve, beterraba e cenoura — que apresentavam diferentes tamanhos e cortes variados, permitindo a descoberta de novas texturas e tonalidades de pintura a cada movimento. Destaca-se que alguns bebês demonstraram maior interesse em levar os alimentos à boca, ação que se relaciona diretamente à forma de explorar o mundo pela via oral e também ao processo de introdução alimentar, já em andamento por parte do grupo, e ao reconhecimento prévio de legumes e verduras, o que amplia as possibilidades de aprendizagem ao integrar aspectos motores e cognitivos. Tal interação reforça o caráter investigativo de bebês e da criança pequena, que aprende por meio do corpo, da experimentação e da relação direta com os objetos e o ambiente.

Além disso, a escolha criteriosa dos alimentos considerando suas texturas, cores e tamanhos, mostrou-se fundamental para garantir a segurança e o interesse contínuo de bebês, contribuindo para que permanecessem envolvidos durante todo o tempo necessário à realização da vivência. Nesse sentido, qualquer modificação que precisasse ser feita não representaria uma limitação da proposta, mas sim um refinamento metodológico, que potencializou a qualidade da vivência ao alinhar as condições materiais às necessidades e características do grupo

A vivência possibilitou não apenas o contato com diferentes materiais e estímulos, mas também a ampliação das formas de expressão, e interação dos bebês com o seu redor, reafirmando o papel da educadora como mediadora atenta, que organiza o ambiente e as experiências de maneira a potencializar o desenvolvimento integral das crianças. Entrando em contato direto com memórias comestíveis que moldaram a identidade brasileira. Essa abordagem honra a herança africana não como uma presença ativa e acolhedora que abraça o cotidiano da primeira infância e fortalece, desde o berço, as raízes do pertencimento e do respeito à nossa matriz cultural.

Figura 2 - Bebês explorando os alimentos adicionados



Fonte: Acervo das autoras (2026)

Figura 2 - Primeiro contato com o primeiro alimento.



Fonte: Acervo das autoras (2026)

4.2 Grupo 2: ConhecendoYacunã Tuxá

O Grupo 2, com crianças de 2 a 3 anos, é bastante participativo, se envolve nas propostas, faz perguntas e estabelece diálogos constantes durante as propostas. A rotina da turma inclui momentos de acolhimento, rodas de conversa, vivência dirigida e brincadeiras livres, sendo a roda um espaço importante de retomada de experiências e construção coletiva de sentidos.

A vivência foi desenvolvida após a roda de conversa, dialogando com um trabalho que já vinha sendo realizado pela professora da turma sobre mulheres e suas trajetórias. A partir dessa proposta, e considerando a inserção no PIBID com foco na Educação das Relações Étnico-Raciais, optou-se por ampliar esse repertório por meio da apresentação da artista indígena Yacunã Tuxá, que desenvolve trabalhos com colagem a partir de suas vivências e experiências como uma mulher indígena.

Destacando sua identidade e seu modo de produzir arte, foram apresentadas imagens impressas de suas obras, que circularam entre as crianças, possibilitando a observação, o toque e a interação direta com as imagens. Nesse momento, as crianças fizeram perguntas, comentaram sobre os elementos presentes nas colagens e identificaram figuras, formas e cores, evidenciando o interesse pelas imagens e pela proposta.

Na sequência, as crianças foram convidadas a fazerem uma colagem coletiva, inspirada nas obras apresentadas. As crianças rasgaram as imagens com as mãos, explorando diferentes formas de manipular o papel, como representado na Figura 3.

Figura 3 - Criança rasgando o papel durante a vivência



Fonte: Acervo das autoras (2026)

Esse momento se destacou pela experimentação corporal envolvida no ato de rasgar, exigindo coordenação motora fina e atenção aos movimentos. Ao longo da vivência, foi possível observar que as crianças passaram a utilizar estratégias mais precisas, como o uso das pontas dos dedos, demonstrando aprendizagens construídas no próprio fazer. Os rasgos foram colados em uma única tela coletiva, utilizando cola líquida, como exemplificado na Figura 4.

Figura 4 - Processo de criação da colagem, a partir dos fragmentos produzidos



Fonte: Acervo das autoras (2026)

A produção coletiva favoreceu a interação entre as crianças, a negociação de espaços e a construção conjunta da composição.

Nesse contexto, as experiências artísticas assumiram um papel fundamental na educação infantil, uma vez que possibilitam às crianças explorar diferentes linguagens, construir sentidos e se expressar por meio do corpo e da sensorialidade. Como apontam GONÇALVES et al. (2023), as práticas que articulam arte e infância favorecem o desenvolvimento de experiências estéticas que ampliam os repertórios culturais e as formas de relação com o mundo. Assim, ao trabalhar com a colagem a partir da referência de uma artista indígena, a proposta possibilitou não apenas o desenvolvimento de habilidades motoras e espaciais, mas também o contato com outras referências culturais, contribuindo para a valorização da diversidade.

5. Diálogos entre arte, corpo e ERER

Compreende-se que, embora as vivências descritas tenham sido realizadas com faixas etárias distintas, ambas mobilizaram formas diversas de interação, exploração e participação de bebês e crianças Dessa forma, analisa-se que as práticas pedagógicas que articulam corpo, arte e Educação das Relações Étnico-Raciais favoreceram experiências sensoriais, estéticas e coletivas, ampliando as possibilidades de encontro das crianças e bebês com materiais, imagens, gestos e diferentes referências culturais. No Berçário, foi possível observar que a exploração dos materiais mobilizou diferentes sentidos, como o tato, o olfato e o paladar. No entanto, os bebês interagiram com os alimentos com interesse e curiosidade, evidenciando que a prática ultrapassou uma experiência unicamente sensorial. Quando eles passam a segurar os alimentos para levá-los à boca, apertá-los, espalhá-los essa manipulação amplia suas formas de interação, diálogo e produção de sentido com o ambiente e com suas próprias

construções de mundo. Essas experimentações possibilitaram formas de conhecer o mundo a partir do corpo presente, permitindo compreender que o conhecimento não se organiza apenas nas relações, mas aflora na interação entre corpo, matéria e ambiente.

No Grupo 2, as crianças participaram das vivências mobilizando diferentes formas de expressão e interação, como gestos, falas, explorações dos materiais e ações coletivas. A apreciação das obras da artista indígena Yacunã Tuxá possibilitou o contato com outras referências culturais, uma vez que sua produção artística busca representar mulheres indígenas para além dos estereótipos, ao mesmo tempo em que valoriza suas raízes do sertão baiano com as paisagens da caatinga, elementos que atravessam seu trabalho. Desta forma, as imagens apresentadas deixam de ocupar apenas um lugar ilustrativo, possibilitando a construção de outros imaginários atravessados por diferentes existências, culturas e expressões artísticas.

A atividade de colagem favoreceu a experimentação, o desenvolvimento da coordenação motora e a construção conjunta, mas também evidenciou a centralidade do corpo na relação com o fazer artístico. Os gestos de rasgar, manipular e colar os fragmentos, assim como o interesse das crianças pelas obras e pelos materiais, demonstraram formas de experimentar o corpo na relação com as materialidades e com o ambiente. Nesse sentido, a vivência rompe com a ideia de uma observação passiva da arte na infância e reafirma a criança como sujeito ativo na produção artística e na construção de sentidos.

Ao analisar as duas experiências, observa-se que as propostas produziram situações em que bebês e crianças pequenas puderam experimentar diferentes relações com materiais, imagens, alimentos e gestos coletivos. Nesse sentido, as práticas pedagógicas que articulam arte, corpo e ERER mostram-se potentes ao possibilitar experiências que ampliam os modos de participação das crianças nas experiências, repertórios culturais e tensionam representações estereotipadas, contribuindo para a valorização da diversidade desde a primeira infância.

6. Conclusão

As vivências desenvolvidas evidenciam que as práticas pedagógicas articuladas à arte, ao corpo e à ERER podem produzir experiências significativas desde a primeira infância. Ao longo das propostas, bebês e crianças pequenas participaram ativamente das experiências por meio do toque, da manipulação dos materiais, dos gestos, das interações e das produções coletivas, construindo sentidos na relação com o ambiente, com a matéria e com as diferentes referências culturais apresentadas. Nesse contexto, o corpo não aparece apenas como suporte para a aprendizagem, mas como dimensão

central na forma como as crianças conhecem, experimentam e se relacionam com o mundo.

As experiências também possibilitaram ampliar as referências e modos de existência que tensionam representações estereotipadas historicamente presentes na educação infantil ao trabalhar com materiais, imagens e propostas que ampliam repertórios e deslocam visibilidades hegemônicas, as vivências contribuíram para a valorização da diversidade e para a construção de relações mais sensíveis com diferentes formas de cultura, arte e expressão.

Desta forma, as vivências aqui apresentadas reforçam a importância de que a educação em ERER esteja presente de maneira contínua na educação infantil, não como um conteúdo isolado, mas como um princípio que atravessa as práticas pedagógicas e as formas de organizar as experiências com bebês e crianças pequenas. Ao considerar a arte, o corpo e a experiência como dimensões fundamentais do aprender, torna-se possível construir práticas educativas mais críticas, inclusivas e comprometidas com o conhecimento das diversidade e suas múltiplas expressões.

Referências

AÇÃO EDUCATIVA. *Indicadores da qualidade na educação: relações raciais na escola*. São Paulo: Ação Educativa, 2013. 112 p. ISBN 978-85-86382-37-6

BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2003]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 29 abr. 2026.

BRASIL. *Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, DF: Presidência da República, [2008]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 29 abr. 2026.

FRAGELLI, Clau; SOUSA, Dandara Pereira; SANTOS, Isabela Solovijovas. *O Corpo que Ocupa o Espaço o Modifica, Recria e Transforma: experiências corporais e artísticas com bebês*. In: (orgs.). FRAGELLI, Clau; SILVA, Danitza Dianderas da; SILVA, Gabriella Pizzolante da; MADEIRA, Thais Fernanda Leite. Encontros com bebês e crianças: experiências de infâncias na UAC. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 221 p.167-176 ISBN 978-65-5869-494-6.

GONÇALVES, Ednéia; MAIA, Ana Paula; OLIVEIRA, Waldete Tristão Farias *et al*. *Indicadores da qualidade na educação: relações raciais na educação infantil*. São Paulo: Ação Educativa, 2023. 104 p. ISBN 978-85-86382-88-8

SOUSA, Mariana Alves de; BARBOSA, Maria Valéria. *Da colonialidade à descolonialidade: delineando possibilidades para a transformação das relações étnico-raciais e de gênero por meio dos saberes escolares*. Intellèctus, Rio de Janeiro, ano 20, n. 1, p. 165-184, 2021. ISSN 1676-7640.

PALADINI, Mariana Antero; SILVA, Danitza Dianderas. Vivências no berçário: acolhimento e formação inicial. In: (orgs.). FRAGELLI, Clau; SILVA, Danitza Dianderas da; SILVA, Gabriella Pizzolante da; MADEIRA, Thais Fernanda Leite. Encontros com bebês e crianças: experiências de infâncias na UAC. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 73-86 ISBN 978-65-5869-494-6.